TL 1880-1

2º CURSO DE INTRODUÇÃO À INDONÉSIA E

TIMOR LESTE

(componente nacional)

1ª LIÇÃO

1ª Parte

HISTÓRIA

POVOAMENTO

RELAÇÕES COM A ÍNDIA, A CHINA E OUTRAS REGIÕES

ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA: 1994.10.24

UNIVERSIDADE DO PORTO: 1994.10.26

UNIVERSIDADE DE LISBOA: 1994.10.29

A. BARBEDO DE MAGALHÃES

Professor Catedrático , Universidade do Porto

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS JORNADAS DE TIMOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

FEUP - Rua dos Bragas - 4099 Porto Codex

Fax: 351 - 2 - 200 21 48 Tel.: 351 - 2 - 204 17 10 / 204 17 56

HISTÓRIA

1.1 - POVOAMENTO DE TIMOR E DA INDONÉSIA

1.1.1 - Grande diversidade de Povos e Culturas

Uma das coisas que mais surpreendia o linguista ou antropólogo que percorresse Timor em 1974 ou 1975, era a diversidade de línguas e dialectos que se falavam na ilha, e a própria diversidade de tipos físicos e de tradições culturais. O antropólogo Dr. António de Almeida, que em finais de 1974 terminava mais uma missão para fazer o mapa linguístico de Timor Leste, registava mais de trinta línguas e dialectos locais, com seis origens diferentes. Nos seus últimos mapas assinalara aldeias (pequenos núcleos habitados por uma família ou clan familiar) e *knuas* ou sucos (grupos de pequenas aldeias onde vivias uma tribo) com menos de cem habitantes que, entre si, falavam uma língua completamente diferente das dos povos circunvizinhos.

Estes factos, só por si, dizem muito não só sobre a diversidade étnica e cultural dos diferentes povos de Timor, mas também sobre o reduzido grau de influências estranhas, nos grupos menos aculturados do interior do território, que mantinham vivas tradições milenares no seu estado quase virgem ancestral.

A recolha das histórias transmitidas oralmente de geração em geração, pelos narradores de cada tribo forneceria, por certo, muita informação útil sobre as origens e a evolução de cada uma delas. Infelizmente, esse trabalho quase não se fez, a não ser em casos excepcionais, e agora, depois da razia humana e cultural provocada pela invasão e ocupação indonésia, esse estudo tornou-se quase impossível.

1.1.2 - 1ª Vaga - Vedo-Australóide

Dos poucos trabalhos antropológicos e linguísticos efectuados, parece poder-se concluir, apesar de tudo, com alguma segurança, que os primeiros povos que chegaram a

Timor e aí se fixaram, constituindo o substracto mais antigo, terão sido do tipo Vedo-Australóide, semelhantes aos Vedas de Ceilão (ou Sri-Lanka) na costa Sudeste da India. São caracterizados por uma tez muito escura e bonitos cabelos lisos e bem negros, cor de antracite. Presume-se que terão chegado a Timor cerca de 40 000 a 20 000 anos antes de Cristo (a.C.) durante o último periodo glaciar (fim da 4ª glaciação), em que a acumulação de água gelada nas zonas mais frias (zonas polares e muitas das regiões hoje temperadas) fez descer o nível médio das águas do mar cerca de sessenta metros. Este abaixamento do nível médio do mar fez com que muitas das actuais ilhas do arquipélago, nomeadamente as de Sumatra, Java e Kalimantan (Celebes) ficassem ligadas ao continente asiático. Além disso diminuiu fortemente as distâncias entre a ilha de Timor e o bloco das ilhas vizinhas (também ligadas entre si, muitas delas) e entre esta e a própria Austrália.

Tendo em conta que a piroga terá sido inventada cerca de 7 000 anos antes de Cristo, é de admitir que as deslocações marítimas se fizessem em jangadas.

Os Atoni de Timor, predominantes na zona ocidental da ilha e pouco numerosos na zona oriental, parece terem uma origem idêntica à dos Vedas de Ceilão, tal como os aborígenes da Austrália.

Se atendermos a que, nessa altura (20 000 a.C.) ainda não se praticava a agricultura, e que, por isso, os seres humanos, agrupados em pequenos clãs ou tribos vagueavam em busca de frutos silvestres, de folhas ou raízes comestíveis (que não semeavam nem plantavam) e da caça e da pesca, sem morada certa e quase sem bens a transportar, a não ser paus aguçados, raspadores, machados ou lanças, compreende-se que ao longo de gerações fizessem grandes deslocações num planeta, afinal, pequeno, mesmo para quem anda a pé, dia após dia, e ano após ano, ou de jangada ao sabor do vento... da fome ou dos azares na guerra...

1.1.3 - 2ª Vaga - Melanésia

Uma segunda vaga, de povos Melanésicos, semelhantes aos que hoje se encontram na Papua Nova Guiné, no Vanuato e nas Ilhas Salomão, terá levado consigo a civilização do machado oval.

As línguas Fataluco, Macaçai e Búnac, que se falam em Timor Leste, foram levadas por estes povos ditos melanésicos, por serem hoje os que predominam na Melanésia.

Embora a Papuásia (Papua Nova Guiné) seja povoada há cerca de quarenta a trinta milhares de anos, e apesar de ser uma das primeiras regiões do globo onde, cerca de 9 000 a 7 000 anos a.C. se começou a praticar a agricultura e onde se encontram vestígios de canais de irrigação contemporâneos ou pouco mais recentes do que os primeiros da Mesopotâmia, - denotando um adiantado estado de civilização para a época, - é de admitir que as tribos melanésicas que povoaram Timor tenham provindo do Ocidente (a caminho da Melanésia) e não do Oriente. As terras eram vastas e espontaneamente produtivas na grande ilha Papua, a densidade populacional nunca terá sido muito grande, e por isso, as pressões demográficas para a emigração terão sido sempre reduzidas ou mesmo inexistentes. Perante a pressão dos povos melanésicos que a partir de cerca do ano 3 000 a.C. começaram a chegar do ocidente (provavelmente da China ou da Formosa) os primitivos habitantes, de tipo vedo-australóide como em Timor, terão emigrado para o interior, sem que uma miscegenação significativo se tenha produzido. Daí que na Papua se falem mais de mil línguas e dialectos diferentes!... A prodigalidade do solo e do clima, tornando quase desnecessárias as deslocações porque tudo o necessário à sobrevivência se encontra num pequeno raio de distância, e a elevada densidade da selva, que dificultava a penetração, terão contribuído, ainda mais do que em Timor, para o isolamento de pequenas comunidades, auto-suficientes, e com línguas e culturas próprias.

1.1.4 - 3ª Vaga - Proto-Malaia

Uma terceira vaga, dita Proto-Malaia, terá chegado a Timor cerca de 2 500 a.C.. Tratava-se de povos provenientes da China do Sul e do norte da Indochina que, segundo Artur Teodoro de Matos seria "um ramo bastardo da raça branca" ou "um ramo mal diferenciado da raça amarela". Terão migrado para toda a Insulíndia sob a pressão demográfica de populações mongóis provenientes do centro da Ásia.

Consigo terão levado para Timor a civilização do "machado chato" ou do "machado quadrangular", neolítica mas mais avançada do que a do machado oval.

1.1.5 - 4ª Vaga - Deutero-Malaia

Sarasin, Teodoro de Matos e outros consideram que, mais recentemente, (cerca de 500 a.C.), um novo tipo racial, dito Deutero-Malaio, resultante da mestiçagem de proto-malaios com uma vaga migratória de características já tipicamente mongolóides, e que passou a ser o tipo dominante na Indonésia, também estará presente em Timor Leste. Quanto à presença destes povos nas principais ilhas indonésias, não há dúvidas. Relativamente a Timor, no entanto, nem todas as opiniões são convergentes.

1.1.6 - Semelhanças e diferenças entre Timor e o resto da Indonésia

Lammers e outros consideram que o elemento Deutero-Malaio, que domina na ilha de Java e nas zonas litorais de Sumatra e Borneu, não está (ou melhor, não estava, antes da invasão indonésia!) presente em Timor.

Esta última migração parece estar relacionada com a difusão de "civilização de Dong-Son", e do bronze e outros metais no arquipélago.

Parece, pois, que excluindo a Papua Ocidental, integrada fraudulentamente na Indonésia na década de sessenta, e que até essa altura tinha uma população autóctone de tipo Vedo-Australóide e Melanésica (ainda que muito diversificada), a generalidade das ilhas que compõem a Indonésia terá uma população predominantemente Malaia, a maior parte da qual Deutero-Malaia, mas também Proto-Malaia. Os elementos mais antigos, de tipo Melanésico e Vedo-Australóide ter-se-ão mantido, embora em muito menor número e muitas vezes empurrados para o interior das ilhas mais povoadas.

No caso de Timor os grupos mais antigos, de tipo Vedo-Australóide, serão muito mais numerosos no Timor Ocidental, sendo duvidosa a presença significativa de populações Deutero-Malaias, a não ser recentemente, em consequência da ocupação indonésia.

A estes dados sobre o povoamento de Timor há que acrescentar que a Ilha de Java, ela própria, parece ter sido um dos berços da humanidade. Por isso, e ao contrário de Timor, que terá permanecido desabitado até 40 000 anos a.C., encontram-se vestígios de elementos autóctones muito mais antigos, cuja importância, em termos étnicos, se terá completamente diluído ao longo de muitos milénios.

1.2 - RELAÇÕES COM A ÍNDIA, A CHINA E OUTRAS REGIÕES, ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS

1.2.1 - A Insulíndia, na rota marítima que liga a China à Índia

A Insulíndia, situando-se a entre dois grandes focos civilizacionais muito importantes - o chinês e o indiano, - desde cedo entrou nos circuitos comerciais que, por via marítima, se estabeleceram entre os dois.

Tudo indica que, desde o século 2º antes de Cristo, mercadores chineses comerciavam com populações costeiras da ilha de Java e, muito provavelmente, do Bornéu (Kalimantan) e da Sumatra. Numerosos vasos chineses dessa época foram encontrados na zona costeira da ilha de Java a confirmá-lo.

Pouco depois terão sido estabelecidas comunicações marítimas com a Índia, desde que, no séc.I a.C., marinheiros malaios do arquipélago se aperceberam que os ventos da monção mudam duas vezes por ano de sentido, soprando de nordeste quando o Sol tem o seu zénite no hemisfério sul, e de sudoeste, quando o sol se encontra no hemisfério norte.

Devido a esta alternância os marinheiros malaios aprenderam a navegar do Sudeste Asiático para o Sul da Índia no (nosso) "Inverno", e em sentido inverso no "Verão". Esta descoberta rápidamente se espalhou, passando a ser utilizada por muitos outros povos, desde os hindus aos árabes do sul, aos chineses e aos próprios romanos.

Nesta viagens entre a Insulíndia e a Índia os mercadores chineses levavam consigo não apenas as sua louças e seda típicas, mas também especiarias e outros produtos do arquipélago indonésio.

Em sentido contrário, e utilizando as mesmas rotas marítimas, ao sabor das monções, os navegadores indianos e árabes entraram neste comércio internacional, que os levava à Malásia, a Sumatra, à ilha de Java, ao Bornéu, às Celebes (ou Sulawesi) etc.

Os mercadores árabes ocupavam-se, depois, do transporte, desde a Índia ao Médio Oriente, dos produtos chineses e das próprias especiarias da Insulíndia que Roma, no seu apogeu, consumia abundantemente. No séc. II da era cristã este comércio entre o Império Romano, no Ocidente, e o Império Chinês, no Oriente, era intenso. E embora as vias terrestres fossem utilizadas para alguns produtos (nomeadamente a seda) outros, como as especiarias, as

porcelanas e os lacados, num sentido, e as moedas de ouro e prata romanas no outro, eram transportados principalmente por via marítima. Óbviamente que o comércio com as ilhas que hoje compõem a Indonésia só podia ser feito por via marítima, razão pela qual aqui lhe damos particular destaque.

A ilha de Timor embora fosse visitada por mercadores chineses desde bastante cedo, nomeadamente em busca do sândalo branco, de excepcional qualidade, que aí crescia espontâneamnte, ficava quase completamente à margem das rotas comerciais.

Daí que a influência hindu, primeiro, no início da era cristã, e budista, depois, a partir do séc. V, que foi a marca dominante dos reinos e impérios com sedes em Sumatra ou na ilha de Java, não tenham deixado qualquer marca sensível em Timor.

1.2.2 - Os grandes impérios hindo-budistas da Indonésia não incluiam Timor

Dois dos maiores impérios da Insulíndia, com efeito, são caracterizados pela profunda influência religiosa e cultural hinduísta ou hindo-budista: - Shrivijaya e Majapahit.

O primeiro, de Shrivijaya, com sede na ilha de Sumatra, e cujo apogeu se situa entre os finais do séc.VII (672 d.C.) e o séc. X, vindo a decair até ao séc. XIII, chegou a incluir grande parte da actual Malásia, a quase totalidade da ilha de Sumatra, a metade oriental da ilha de Java e o extremo ocidental da ilha de Bornéu (ou Kalimantan). Embora diversas publicações oficiais indonésias, posteriores à invasão de Timor Leste, afirmem que a ilha de Timor pertenceu ao Império de Shrivijaya, tal afirmação carece completamente de fundamento. Nem mesmo a ilha de Bali, muito mais a ocidente, e até a parte oriental da ilha de Java, estavam sob o controlo deste império, onde as religiões hindu e budista tiveram grande influência. É neste periodo (em finais do séc. VIII) que se constrói em Borobundur, na ilha de Java, o maior templo budista do mundo.

O império Shrivijaya manteve relações com importantes reinos da Índia, conduziu lutas vitoriosas contra o Cambodja, e controlou grande parte do Mar do Sul da China.

A sua fama chegou ao mundo árabe, a quem este império fornecia estanho, marfim, cânfora e, sobretudo, especiarias e madeiras preciosas.

Se nos lembrarmos que desde o século I a.C., povos malaios de Sumatra viajavam regularmente até à Índia, e que a ilha de Madagáscar, na Costa Oriental de África, foi povoada, a partir do ano 500 d.C., aproximadamente, por povos Malaios, fácilmente se admite que tenha havido contactos comerciais de Shrivijaya com Timor. Mas isso é completamente diferente de dominar politicamente (ou até economicamente) a ilha de Timor ou qualquer parte desta.

A principal oposição ao poderio de Shrivijaya parece ter provindo de reinos javaneses, que impediram, sempre, que este império estendesse o seu domínio à zona leste desta ilha central da Indonésia.

Com sede em Singhasari (actual Malang, na zona leste da ilha de Java) o semi-lendário rei Angrok consegue estabelecer um efémero império tipicamente javanês, em oposição à influência hindo-budista dominante em Shrivijaya.

Entretanto o Império Mongol da China - cujos interesses comerciais na região se tinham acentuado, sobretudo a partir do século VIII d.C. - resolve, na segunda metade do século XIII, avançar com diversas expedições militares em direcção à Birmânia e ao Vietnam. Sendo o poder dominante no Extremo Oriente, o Imperador da China habituou-se a receber presentes de reis e imperadores da região, nomeadamente de Sumatra e outras ilhas indonésias, em sinal de uma débil vassalagem, mais teórica do que real.

Mas, em 1292, um ano depois do seu embaixador Marco Polo ter visitado a costa sudeste de Sumatra, antes de seguir para Ceilão, o imperador mongol da China, Qubilai Can, decide enviar uma enorme armada à ilha de Java, a fim de reforçar o seu controlo da região. A expedição, no entanto, revela-se um tremendo desastre. Grande parte da frota chinesa é afundada, fugindo a restante em retirada, deixando muitos mortos e também muitos chineses sobreviventes. Estes, embora acabem por se casar com mulheres javanesas, mantiveram os seus costumes e as sua cultura, criando uma minoria étnica e culturalmente distinta cuja importância no sector comercial e financeiro se foi acentuando ao longo dos séculos.

Na sequência da grande vitória alcançada sobre os mongóis, surge um novo império, desta vez sediado na ilha de Java, e também ele fortemente influenciado pelas religiões hindu e budista. É o império de Majapahit ou Madjapahit, cujo início se considera, geralmente, ter lugar no ano de 1293. O apogeu deste império situa-se em meados do século XIV, durante o periodo em que Gadjah Mada foi o seu Primeiro Ministro (de 1331 a 1364).

No dizer do historiador George Vinius, a extensão deste império confinou-se a Java, Bali e a um "corredor" de ligação a Malaca.

Um poema heróico de época, o Nagarakertagama, cita, no entanto, uma longuíssima lista de estados vassalos de Majapahit, que lhe ofereceriam tributo. Nesta lista figuram os nomes de Seram e de Timor, facto utilizado pelas autoridades indonésias para justificar o "regresso" de Timor à Nação Indonésia a que teria pertencido.

Mas, além da dúvida suscitada pelas palavras do escritor português do séc. XVI Tomé Pires, que na Suma Oriental afirma que, para oriente, "todas as ilhas desde Java são chamadas Timor, porque na língua do país Timor significa 'Este', tanto como eles diziam, as ilhas do Leste", há que lembrar que a vassalagem, caso existisse, seria, tal como no caso de diversos reinos "indonésios para com a China", mais teórica do que real.

Meilink-Roelofsz menciona que cerca de 1415 o poderio de Majapahit se terá estendido desde quase toda a ilha de Sumatra até às Molucas, tendo Malaca como estado vassalo. Mas exclui as ilhas de Timor e até as Flores, aceitando como provável apenas a submissão de Sumbawa (ou Soembawa), muito mais próxima de Java. ("Majapahit is also reputed to have extended its influence eastwards to cover Bali and perhaps Soembawa too.).

Além disso a suzerania, quando existente, deveria ser, quase sempre, tão teórica e irrelevante quanto a da China sobre alguns reinos da Insulíndia.

Em todo o caso o poderio efectivo de Majapahit começou a declinar ao fim de cerca de um século, quer na sequência de querelas entre príncipes hinduisados, quer devido às progressiva propagação do islamismo na Malásia, no nordeste de Sumatra e na costa norte da própria ilha de Java. O crescente poderio de Malaca, entretanto convertida à nova religião muçulmana, e a sua concorrência no comércio mundial da época, também contribuiu para diminuir a importância dos portos javaneses, enfraquecendo, assim, o poder de Majapahit. A sua queda definitiva, no entanto, é posterior à chegada dos europeus, situando-se no ano de 1520.

1.2.3 - O Islão, que se começa a estabelecer na Insulíndia no séc.XV, também não penetrou em Timor

Ainda anterior à chegada dos navegadores europeus às ilhas do arquipélago - a seguir à conquista de Malaca, em 1511, por Afonso de Albuquerque - há que registar, pela sua enorme importância para a Indonésia, a lenta penetração do Islão.

A partir do século XII são assinalados alguns missionários árabes muçulmanos no norte de Sumatra. No entanto, só depois da conversão do Rei de Malaca, em 1409, é que, em 1416, o reino Achèh, no nordeste da ilha de Sumatra, se converte ao islamismo, tornando-se no primeiro reino muçulmano do arquipélago. À medida que a influência deste alastra para o sul desta ilha, a religião muçulmana avança também.

No início di século XV (1400) a ilha de Java recebe também missionários árabes e persas. Em 1450 a própria corte do rei de Majapahit (antes hindo-budista) converte-se ao islamismo.

No início do século XVI, quando os portugueses chegam à Insulìndia, levando consigo a religião católica, grande parte de Sumatra estava já islamizada. O sultanato de Demak, na ilha de Java, tornara-se,já, um centro de Propagação da fé em Allah (nomeadamente através do teatro).

Em 1475 o islamismo começa a penetrar nas Filipinas. Nos finais do século XV é a vez do rei do Sul de Kalimantan (Bornéu) se converter à nova religião, o mesmo acontecendo em 1495, ao rei de Ternate, nas Molucas do Sul. Em 1526 os reis de Bantam e de Jakarta, na ilha de Java, também se converteram, enquanto no interior desta e doutras ilhas grande parte das populações permaneceu animista.

Pela sua localização geográfica, já fora dos grandes circuitos comerciais entre a China e a Índia, entre as ilhas das especiarias e a Malásia, Timor permaneceu à margem da evolução religiosa e cultural que marcou as ilhas de Sumatra, Java, Bali, Kalimantan (Bornéu), Sulawesi (Celebes), Filipinas e as próprias ilhas Molucas.

Isto apesar de, desde muito cedo, a ilha de Timor ser visitada por negociantes chineses, e, mais tarde, por comerciantes hindo-budistas e muçulmanos. Aparentemente os comerciantes não se estabeleceram na ilha, permanecendo apenas o tempo necessário para efectuar os seus negócios - principalmente a compra do sândalo e a troca por produtos chineses ou ocidentais - e fazer o carregamento dos navios.

1.2.4 - Timor aquando da chegada dos portugueses

Por isso, quando os primeiros navegadores, comerciantes e missionários portugueses chegaram a Timor, encontraram populações que praticavam a agricultura, conheciam a metalurgia e usavam o ferro, mas que desconheciam a escrita e se mantinham fiéis às práticas religiosas animistas tradicionais.

O negócio do sândalo (e, nalguns casos, de escravos também), terá contribuido para o estabelecimento de reinos mais vastos ou pequenos impérios, como o de Waiwiku-Wehale ou de Behale, com sede na planície de Balu-Sul.

Schulte Nordholt afirma que, "com base não tanto na conquista, mas em ideias de precedência espiritual e numa intrincada rede de alianças, a influência de Wehale se terá estendido a mais de dois terços da ilha... Wehale, que se situa no que hoje é o Timor Indonésio, era Tetum (Belunês) na origem, mas o seu império incluía reinos mais pequenos de diferentes grupos étnicos, os Dawan ou Atoni, os Bunaq, os Famak e outros".

O mesmo autor menciona três imperadores que estariam sob dependência do império Waiwiku-Wehale: - o liurai de Belu-Sul, o Sonba'i (imperador da maior parte da região Atoni, no Timor Ocidental) e o liurai de Suai-Camenasse (da região Belu de Timor Leste). Outros autores consideram que os reinos de Timor constituiam, então, dois grupos: Servião, a Ocidente e Behale ou dos Belos, a Oriente.

Esta terá sido a situação que os portugueses encontraram, quando cerca de 1515 chegaram a Timor.

Segundo Afonso de Castro os timorenses "haviam-se fixado em terras cultiváveis; a tribo tinha-se transformado em aldeia e a aldeia havia estabelecido relações com outras vizinhas, tornando-se estado, mas com todos os elementos que constituem Nação".

As populações de Timor, muito diversas em línguas e culturas, tinham, no entanto, uma estrutura social relativamente parecida. Esta, bastante estratificada, tinha o régulo ou liurai no topo da hierarquia, datos (ou nobres) a dirigir os destinos dos sucos ou conjuntos de pequenos aglomerados habitacionais, e diversas classes da população, com os escravos na base da pirâmide. Feiticeiros-curandeiros e contadores de histórias (as bibliotecas vivas das tribos) desempenhavam um papel de relevo. E porque nem o hinduísmo, nem o cristianismo nem o islamismo tinham penetrado em Timor, as mulheres ocupavam, em muitos casos, um lugar de relativo relevo, gozando de uma liberdade que faria inveja às mulheres europeias da época. Isto apesar da prática da poligamia e do peso do barlague, instituição que regulava os casamentos e que dominava todas as relações económicas e sociais dentro da tribo e desta com as suas vizinhas.

Porto, 23 de Outubro de 1994

A. Barbedo de Magalhães